

HISTRIONISMO AUTORITÁRIO E POLÍTICA UBUESCA: UMA LEITURA DO ROMANCE *O CORONEL SANGRADO*, DE INGLÊS DE SOUSA

HISTRIONISMO AUTORITARIO Y POLÍTICA UBIESCA: UNA LECTURA DE LA NOVELA *CORONEL SANGRADO*, DE INGLÊS DE SOUSA

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho¹

Shirlene Rohr de Souza²

RESUMO

Trata-se de uma leitura do romance *O coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa, publicado em 1877; o artigo discute o perfil de um político prepotente e vaidoso, cujas ações são voltadas para benefícios privados, com consequências danosas para o coletivo. O objetivo do texto é destacar a crítica do escritor Inglês de Sousa ao cenário político brasileiro e mostrar como as práticas danosas se consolidaram na sociedade brasileira. Em seu percurso, o texto destaca o contexto ficcional da obra para, em seguida, colocá-la em diálogo com outras obras, da literatura universal e da literatura brasileira. A visão política descortinada a partir da ação do protagonista, coronel Sangrado, personagem grotesco e incivil, permite reflexões sobre personagens da política atual, do Brasil e do mundo, movidos por uma prepotência ubuesca. O aporte teórico inclui Platão (*O político*), Mikhail Bakhtin (*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*), Francisco Iglésias (*Trajatória política do Brasil*) e Michel Foucault (*Os anormais*), dentre outros. Em suas considerações finais, o artigo ressalta que personagens políticos como Coronel Sangrado estão presentes na ordem social.

Palavras-chave: Literatura, Inglês de Sousa, Coronel Sangrado, Ficção, Realidade.

RESUMEN

Esta es una lectura de la novela *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa, publicada en 1877. El artículo analiza el perfil de un político dominante y vanidoso, cuyas acciones buscan el beneficio personal, con consecuencias perjudiciales para la colectividad. El objetivo del texto es destacar la crítica de Inglês de Sousa al panorama político brasileño y mostrar cómo las prácticas nocivas se han arraigado en la sociedad brasileña. A lo largo del texto, se destaca el contexto ficticio de la obra y se lo pone en diálogo con otras obras de la literatura universal y brasileña. La visión política que se revela a través de las acciones del protagonista, el Coronel Sangrado, un personaje grotesco e incívico, permite reflexionar sobre figuras de la política actual, en Brasil y en el mundo, impulsadas por la arrogancia ubiesca. El marco teórico incluye a Platón (*El estadista*), Mijaíl Bajtín (*Cultura popular en la Edad Media y el Renacimiento*),

¹ Professor da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Doutorado em Ciência da Literatura (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). E-mail: benjaminferreirafilho@gmail.com.

² Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/Unemat) e do Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado Profissional (ProFLetras-Cáceres). E-mail: shirlenerohrdesouza@gmail.com.

Francisco Iglesias (*Trayectoria política de Brasil*) y Michel Foucault (*Lo anormal*), entre otros. En sus consideraciones finales, el artículo destaca la presencia de figuras políticas como el Coronel Sangrado en el orden social.

Palabras clave: Literatura, Inglês de Sousa, Coronel Sangrado, Ficción, Realidad.

Introdução: Amazônia no radar do mundo

Já faz algum tempo que a Região Amazônica entrou no radar do mundo, por diversos motivos: os recursos da floresta, a concentração de povos originários, as fronteiras disputadas, os mistérios arqueológicos; mas pode-se afirmar que as preocupações climáticas geraram grande interesse pela região, revelando a cultura que se desenvolveu em torno do manejo da floresta e das águas. Nutridas pelos recursos da floresta e das águas, as populações dessa região são abastecidas por peixes, frutos, raízes, sementes, castanhas que tornaram sua culinária reconhecida por seus sabores e requintes; essa mesma diversidade de nutrientes também constituiu a base de uma medicina peculiar, baseada em ervas, raízes e sementes. Florestas, rios e igarapés moldaram um imaginário particular, com seres das matas e das águas; cidades erguidas em torno de riquezas da região, com catedrais, teatros, museus naturais, praças, universidades e espaços públicos inspiraram e inspiram a criação artística, com destaque para a música, marcada por ritmos diversos, e para a literatura, com sua dicção singular.

Na literatura, nomes proeminentes se destacam como Márcio Souza, Thiago de Mello, Milton Hatoum, Dalcídio Jurandir, Walcir Monteiro e muitos outros, além de críticos como Benedito Nunes e Olga Savary. De alguma forma, escritores e poetas com vivências nessa região carregam suas letras com as experiências do ambiente geográfico e cultural.

Por meio da literatura, escritores de diferentes períodos exprimem, de diferentes modos, o Brasil forjado em práticas políticas desde sempre colonizadas, violentas e viciadas pelo desejo de poder, ganância por riqueza, desprezo pelos mais fracos. Tal política resultou em extermínios de povos indígenas; escravização de povos africanos; desigualdade social; cultivo de relações sociais nocivas, como preconceito e racismo; engrenagens viciadas de gestão de bens públicos; formação de oligarquias empresariais que desprezam acintosamente políticas sociais. As cenas literárias do Brasil mostram o Brasil.

Inglês de Sousa: uma visão realista da política ardilosa

Em exercício, não muito exigente, de observação e análise, pode-se supor a existência de um político cujas ações são rudes e impertinentes, um homem pretensioso e constrangedor. Não parecem ser atributos razoáveis para uma autoridade pública que, ao menos em alguma medida, está sujeita à avaliação daqueles que dependem, de algum modo, da competência de seu trabalho e daqueles que estão implicados com os resultados de sua atuação.

Na literatura brasileira, há um personagem desta estirpe, no romance *O coronel Sangrado* (publicado em 1877), de Inglês de Sousa, autor que expressa sua observação da intriga política não somente neste livro, mas também em toda a sua prosa. Delineado o político profissional, impertinente e grotesco, com todas as suas qualidades extravagantes, pode-se pensar no perfil desse personagem a partir de Michel Foucault (2001, p. 15): “O grotesco, ou, se quiserem, o ‘ubuesco’ não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso”. Sem que haja na assertiva um insulto, a perspectiva de Foucault (2001) corresponde a uma constatação ou a uma observação de fatos; suas palavras manifestam uma realidade que implica, na dinâmica da política social, vantagens, mal disfarçadas, a determinados grupos de poder. Na ficção de Inglês de Sousa, a performance política do coronel Sangrado, encarna esse político. Por suas práticas escusas, o personagem pode ser útil para pensar a trajetória política do Brasil. O coronel Sangrado é o exemplo do político oportunista e histriônico, com o qual Inglês de Sousa, via literatura, expõe uma exata faceta da conformidade política do país.

Em seu prefácio para *Ubu-rei*, de Alfred Jarry, Cacá Rosset (1986, p. 12) informa que, no material primordial da peça, ainda no contexto escolar de Jarry, o inspirador do rei Ubu é caracterizado como “a encarnação de todo o grotesco que existe no mundo”. Tal estroinice de imagem, concentrada na figura do rei Ubu, remete ao contrário absoluto do político idealizado por Platão (Platón, 2008) – que teria que ser justo, honesto, competente e virtuoso. Por mais que a ficção pareça exagerar na descrição de políticos esdrúxulos, a realidade social é capaz de surpreender mais ainda.

Se, por um lado, Michel Foucault alerta que o grotesco/ubuesco não é uma categoria de injúria, Mikhail Bakhtin já apresenta a perspectiva inversa: na visão carnavalesca, a autoridade oficial é exatamente injuriada e rebaixada. Essa afronta pode

ser acionada na leitura de *O coronel Sangrado*. O “coronel” Sangrado, na verdade, é um “tenente-coronel” e, portanto, seu posto real já o rebaixa. O que este personagem bufo tem de grotesco/caricatural remete à mirada carnavalesca de Mikhail Bakhtin (1996, p. 325): “O destronamento carnavalesco acompanhado de golpes e de injúrias é também um rebaixamento e um sepultamento. No bufão, todos os atributos reais estão subvertidos, invertidos, o alto no lugar do baixo: o bufão é o rei do ‘mundo às avessas’”. No romance de Inglês de Sousa, há um bufão no poder, então a própria ordem se encontra “às avessas”. À primeira vista, o rebaixamento do personagem não tem caráter popular (no sentido de que não é o povo que o “destrona”); pelo contrário, ao ser tratado como “coronel”, posto superior ao de “tenente-coronel”, ele é “promovido”; pode-se, então, entender que é o narrador que o rebaixa; e pode-se também concluir que o próprio autor, em sua criação, é responsável por seu “destronamento” e “sepultamento”. A alcunha – que também opera um rebaixamento, pois o nome de registro civil é substituído por outro, de caráter satírico – também realiza o mesmo movimento.

O coronel Sangrado é comandante da Guarda Nacional em Óbidos, Pará. Conservador partidário, impulsivo e teimoso, procura impor sempre sua opinião, mesmo que não se fundamente nem em razões nem em argumentos e tenha que apelar para a brutalidade. A designação “Sangrado” é bastante estranha; já existe, porém, na literatura universal um personagem assim denominado: o doutor Sangrado do romance *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage; trata-se de um médico que apresenta “modo grave e impostor” e acredita que o segredo em medicina é entender que “não há mais que mandar sangrar e beber água quente” (Lesage, 1999, p. 107-109). O personagem doutor Sangrado é responsável por todo um obituário de pacientes.

No romance de Inglês de Sousa, “Sangrado” é um apelido; o nome do personagem é Severino de Paiva Prestes e a sua referência maior é Napoleão, com quem gosta muito de ser comparado. O narrador o caracteriza, fisicamente, como

um homem magro e comprido, de pequenos olhos pardos, de maçãs salientes e de nariz fenomenal. Em lugar de bochechas tinha concavidades escuras; a boca tinha-a grande e feia, de delgados e pálidos lábios, de dentes negros e enormes. O queixo pontiagudo queria encontrar-se à força com o nariz, as orelhas afastadas do crânio tinham ares de abanos, e os cabelos de um louro ardente, engordurados e corredios, caíam-lhe desmazeladamente sobre a estreita fronte. Uns espessos bigodes da cor dos cabelos, e cortados em forma de escova, cobriam-lhe quase a boca, e um cavanhaque

comprido e fino dava-lhe certo ar de petulância burlesca. Pés e mãos enormes. Quando andava sacudia desajeitado os braços e as pernas, e entesava o busto, atirando a cabeça para trás. Vestia quase sempre ampla sobrecasaca de brim branco, calças e colete de ganga amarela, e usava o clássico chapéu-de-manilha. Os enormes sapatos de enfiar trazia-os sempre lustrosos e limpos; em compensação a camisa não atestava muda frequente. As unhas grandes, a barba de três dias, a caixa de rapé e o lenço encarnado (Sousa, 2009, p. 13).

Em um processo de revisão crítica, nos dias de hoje, não soa bem tal descrição, por apresentar – pode ser alegado, do ponto de vista de uma prévia exigência ética, contextualmente justificada – alto grau de preconceito e de desrespeito ao aspecto físico de uma pessoa. A leitura aqui proposta, no entanto, leva em conta as licenças (ou atrevimentos) da comédia, da arte bufa em geral, que não se detém diante de barreiras morais e mesmo as transgride (ninguém deixa de ser alvo da ridicularização). A leitura aqui proposta ampara-se nas concepções de grotesco e de carnavalização na teoria de Mikhail Bakhtin (1996); em seu sistema de imagens, o exagero é um fator importante. “O corpo, como centro de toda a materialidade que envolve esse sistema, repercute essa natureza profusa e detém em si mesmo uma forte conexão com o traço hiperbólico, em um modelo caricatural de apresentação” (Souza, 2021, p. 189-190).

Há, na descrição que Inglês de Sousa faz do coronel Sangrado, uma “concepção grotesca do corpo” (Bakhtin, 1996, p. 304). O “ar de petulância burlesca” e a figura exterior esquisita do personagem contrastam com sua posição social, com seu papel profissional e com sua função política. Este homem, que parece um palhaço desengonçado ou um doido simiesco, está entre as “pessoas qualificadas da cidade de Óbidos” (Sousa, 2009, p. 9); comanda o “batalhão da guarda nacional do Município de Óbidos” (Sousa, 2009, p. 14); e preside a câmara municipal, como “reconhecido chefe do partido conservador de toda a comarca de Óbidos”, “respeitado de todos e em toda parte recebido com acatamento” (Sousa, 2009, p. 15). Além disso, o coronel Sangrado é fazendeiro.

Quanto ao aspecto inconveniente do protagonista, é preciso ressaltar que a posição de autoridade que ocupa pressupõe certa adequação de modos, de vestuário, de cuidados gerais com aparência e conduta. A adequação, sabe-se – como destaca Michel Foucault (1999), com as noções de “disciplina” e de “corpos dóceis” –, possui um funcionamento determinante na ordem social. São as forças disciplinares do próprio poder exercido em rede que modelam indivíduos e forjam aspectos pessoais e

subjetividades. Quando apresenta a “verdadeira fisionomia material e corporal” – nos termos de Bakhtin (1996, p. 353) – dessa autoridade brasileira fictícia, o coronel Sangrado, o narrador inverte o alto e o baixo da hierarquia social e reduz essa entidade militar e política a uma criatura feiosa e cômica, a uma espécie de senhor-palhaço ou de ilustre-bobo, em contínua atividade, como os bufões e os bobos da corte de Francisco I, os quais nunca pausavam seus papéis sociais, como destaca Bakhtin (1996, p. 7): “Pelo contrário, eles continuavam sendo bufões e bobos em todas as circunstâncias da vida. Como tais, encarnavam uma forma especial da vida, ao mesmo tempo real e ideal”.

A descrição do coronel Sangrado também contrasta com a grandeza idealizada de sua referência maior, Napoleão, personalidade histórica a quem tem como modelo e com quem sente imenso prazer em ser comparado. Desajeitado e deselegante, dirigindo manobras militares com a plena magnificência de uma efeméride, o coronel Sangrado é um arremedo burlesco do militar corso:

Teso e apertado na gravata de couro, com o chapéu armado posto de través (à moda do primeiro Napoleão, que ele em tudo procurava imitar) e a comprida espada a se lhe atrapalhar nas pernas, o tenente-coronel, possuído de um contentamento arrogante, bradava, engrossando a voz (Sousa, 2009, p. 14).

À sua fazenda, localizada em Maria Pixi, o coronel Sangrado “chamava Ilha d’Elba, apesar de ser no continente, por lá ter estado por muito tempo, quando caíra no desagrado do coronel Gama” (Sousa, 2009, p. 14). O narrador informa, antes, que “O tenente-coronel tinha a pretensão de parecer-se com o imperador Napoleão III, e era meio certo de lisonjeá-lo dizer-lhe alguma pessoa à queima-roupa” as seguintes palavras: “Este coronel! É mesmo um Napoleão” (Sousa, 2009, p. 13). O personagem capitão Matias observa: “Consta que Napoleão I tomava rapé” e o coronel Sangrado responde: “E do melhor”, assinalando ainda: “e o que digo é que o sobrinho não lhe fica atrás” (Sousa, 2009, p. 16). A referência napoleônica do coronel Sangrado é, portanto, reduplicada.

No capítulo XVI, há um exemplo do espetáculo de performance retórica de autoelogio: “De pé, no meio da sala, tomando atitudes de Napoleão em Austerlitz, o coronel Sangrado declamava as suas proezas passadas, presentes e futuras, ouvido com respeito e acatamento pelo coronel Pais Leme, que abanava a cabeça com ar de pacata convicção” (Sousa, 2009, p. 101).

No capítulo XXI, quando aguarda o resultado oficial das eleições, o coronel Sangrado, da janela de sua casa, dirige-se a vários passantes, fazendo referência ao pleito. Sendo conservador, ele havia manobrado para que seu protegido Miguel Faria fosse eleito vereador e contava com a vitória, usufruindo, antecipadamente, como supunha, do prazer de ter sobrepujado os seus rivais, do gosto por ter sido uma competição feroz e da alegria de humilhar os derrotados, os liberais. E há outra referência a Napoleão: “Que tunda, hein, seu tenente Vila Nova, que tunda, irra! Há muito tempo que eles não contavam com uma destas, safra! Parece com a derrota dos austríacos em Austerlitz, famosa!” (Sousa, 2009, p. 136).

Mais adiante (capítulo XXII), doente, delirante, ele dá ordens de comando a soldados imaginários, misturadas a alusões às eleições e... a Napoleão: “Alto, frente, perfilar! Vira a cara pra igreja, canalha! Marcha! pra igreja que o mulato não há de vencer estas... Anda! Quando Napoleão em Santa Helena...” (Sousa, 2009, p. 140). A palavra “mulato” refere-se ao adversário tenente Ribeiro, liberal. Neste ponto Inglês de Sousa registra, no racismo de Sangrado, o racismo que ocorre no Brasil do século XIX. Discutindo sobre a derrota do coronel Sangrado – afinal ele foi traído e seus planos políticos foram abortados por seus próprios colegas de partido, que inviabilizaram a eleição de seu protegido –, alguns personagens comentam sua doença e polemizam, ironicamente, sobre sua possível morte:

- Também se não morrer desta, de outra não morre – tornou o boticário.
- Até ainda me parece incrível que o homem resistisse a uma derrota eleitoral com tão poucos remédios. Sim, porque lá maluco por política era ele...
- Um verdadeiro doido – apoiou o juiz.
- Mas um doido de pedras – confirmou o boticário; – uma coisa como nunca se viu assim. Para mim é milagre estar ele vivo, quase sem despesa na botica.
- Ora, a coisa não é tão feia como se pinta – disse o capitão. – Ele se há de alevantar, há de se meter em outra eleição, há de ser de novo derrotado, até que reconheça que não vale nada.
- Também a falar a verdade, se morresse não se perdia nada – observou com imparcialidade o doutor Justino.
- Como não se perdia?! – gesticulou o capitão Matias. – Perdia-se tudo, perdia-se Óbidos, perdia-se o Sangrado!
- O nosso Napoleão – acrescentou o juiz.
- Sim, o nosso Napoleão de Santa Helena – apoiou o boticário com retórica.
- E seguiram o seu caminho dando gargalhadas à custa do coronel Sangrado (Sousa, 2009, p. 148).

Convalescente em seu leito de enfermo (afinal leito de morte), reclamando de seus “desgostos políticos” (Sousa, 2009, p. 154) e atirando palavras rudes e rancorosas para todos os lados, o coronel Sangrado acusa os seus traidores: “Fizeram comigo como os ingleses com Bonaparte, aquele herói. Estou eu cá na minha Santa Helena, mas hei de sair, hei de sair” (Sousa, 2009, p. 155). Tal como Napoleão, Severino morre em sua Santa Helena. Sai dali somente para o cemitério, depois.

Pode-se constatar no romance muitas referências a Napoleão, o ídolo do coronel Sangrado. Já a confusão entre Napoleão I e Napoleão III – a embaralhar personalidades históricas e a confundir um pouco o leitor – pode ser vista como um elemento cômico. É em qual dos dois que se mira, afinal, a eminência explosiva? Em ambos, mas Napoleão I parece levar vantagem, apesar de o narrador assinalar primeiramente que “O tenente-coronel tinha a pretensão de parecer-se com o imperador Napoleão III” (Sousa, 2009, p. 13). Outro ponto de comicidade é o fato de ser o militar de Óbidos uma caricatura risível que se dá ares de herói, que se compara a um personagem de famigerada referência histórica; ele de fato se considera uma autoridade digna de obediência e de honrarias.

Nesse contexto, não deixa de chamar a atenção a fama alcançada pelo general francês Napoleão Bonaparte, por ele, muito mais do que pelo outro, Napoleão III. Realmente, a lenda existe, registrada – a lenda ou o mito: “Os leitores mais velhos ou os de países antiquados conhecem o mito napoleônico tal como ele existiu durante o século em que nenhuma sala da classe média estava completa sem o seu busto” (Hobsbawm, 1996, p. 93); “Experimento uma espécie de sentimento religioso ao escrever a primeira frase da história de Napoleão. Trata-se, com efeito, do maior homem que surgiu no mundo depois de César” (Stendhal, 2016, p. 25). A notoriedade não deve iludir o cauto pesquisador, no entanto. “Não é simples a relação de Stendhal com Napoleão” (Ribeiro, 2016, p. 5), não é de total devoção, como parece indicar o ponto de vista militarista e carola das palavras enfáticas citadas. Quanto a Hobsbawm (1996), além da ironia que destila em sua observação sobre o mito napoleônico, também afirma que Napoleão destruiu “a Revolução Jacobina, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade” e que “Este foi um mito mais poderoso do que o dele” (Hobsbawm, 1996, p. 94). O leitor não tem elementos, no romance *O coronel Sangrado*, para saber em que fontes se fundamenta a imagem que o personagem Severino de Paiva Prestes cria para si de

Napoleão I – ou de Napoleão III. Seja como for, a inteligência do militar não é confiável aos seus concidadãos, que percebem sua extravagância, nem mesmo aos seus correligionários, que veem na rudeza e na teimosia do tenente-coronel algo a ser combatido e vencido. O empertigado truão é tão inconveniente que seus apoiadores não podem deixar de abandoná-lo; e até de se divertir com sua queda – e com sua morte.

A verdadeira “mania napoleônica” (Sousa, 2009, p. 14) do coronel Sangrado atesta nele próprio, coronel Sangrado, não honra, brio, decoro, mas sim insignificância e ridicularia, gerando desprezo e zombaria já do ponto de vista do próprio narrador e também na avaliação dos personagens. O fato de chamar a sua terra localizada em Maria Pixi de Ilha d’Elba, por exemplo, merece um pouco mais de consideração.

Napoleão Bonaparte é exilado na Ilha de Elba, no Mar Mediterrâneo, entre a Córsega e a Itália, em 1814, com a invasão da França pelos Aliados, que vencem; da Ilha de Elba, em 1815, ele ainda foge e, com seu exército, reconquista Paris, mas logo em seguida é novamente derrotado pelos Aliados, tendo como segundo exílio a Ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul, onde morre em 1821 (Maurois, 2013). Quanto à “Ilha d’Elba” do coronel Sangrado, ele assim a batiza por ter passado lá o seu “exílio”, quando perseguido e castigado pelo coronel Gama, que se opunha à sua promoção. O motivo de ter caído “no desagrado do coronel Gama” (Sousa, 2009, p. 15) advém das consequências desastrosas de ter tirado os óculos, sendo míope, em uma solenidade em que pretendia mostrar toda a pompa de “seu esplêndido uniforme” (Sousa, 2009, p. 13) e toda a gala de sua presença física. Sendo ainda capitão, ajudando em uma “revista a que procedia o coronel Gama”, estando sem os óculos, “desastradamente o seu cavalo pisou” o cão de seu superior; o cachorro “filosoficamente deitado assistia à revista” e o cavalo do então capitão Severino de Paiva Prestes “pisou-o de tal forma que o belo animal ficou defeituoso por toda a vida”; a trapalhada gerou um tal ódio que “Pintar a cólera do comandante é impossível” (Sousa, 2009, p. 13-14). É por perder tal “guerra”, em tão excepcionais circunstâncias, que Severino é obrigado a se recolher à sua “Ilha d’Elba”, podendo o leitor concluir que é injusto que o homem histórico Napoleão tenha mais fama de que o personagem coronel Sangrado.

Este impulsivo e impositivo miliciano, o coronel Sangrado, tem a sua “filosofia” política. Quais são os termos dela? Sua vontade renitente, sua teimosia intratável, seu egocentrismo cego. A partir da rudeza de suas engenhosas caraminholas, Severino

concebe um plano: fazer de seu protegido Miguel Faria vereador, projetá-lo na política, casá-lo com sua filha, Mariquinha, e esperar a ascensão do genro. Por Miguel ter tido, no passado, uma pendência judicial com o tenente Ribeiro, fazendeiro vinculado ao partido liberal, Severino pretende com o seu plano mirabolante também atingir o inimigo. Ocorre que os conservadores já têm os seus planejamentos e candidatos e reagem à decisão do coronel Sangrado. Manobram às escondidas para excluir Miguel da concorrência e, de fato, impedem-no de competir. O próprio Miguel não se deixa atrair pelo plano. O resultado do pleito, apesar de todo o esforço do coronel Sangrado, não traz o nome de Miguel. Este, para piorar as coisas, aproveitando a viuvez de sua antiga pretendida, casa-se, enfim, com ela. De fato, Rita – afilhada do tenente Ribeiro – é a noiva imaginária que, no passado, Miguel havia perdido para o alferes Moreira Bentes. Anteriormente, foi mais conveniente, para a moça casar-se com o alferes; morto este, Miguel reconquista a razão sentimental de seus namoricos de infância. O casamento de Miguel e Rita é um dos pontos fundamentais do diálogo entre *O cacaulista* e *O coronel Sangrado* – e o leitor somente entenderá bem o enredo único que constitui cada um dos dois romances se ler ambas as narrativas. Os episódios de *O cacaulista* “hão de ter o seu complemento” em *O coronel Sangrado*, informa o próprio Inglês de Sousa (2004a, p. 19), assinando com o seu pseudônimo, Luiz Dolzani.

Observam-se aqui as tramas de um político influente. Eis a política praticada pelo coronel Sangrado, toda ela familiar e pautada no favorecimento pessoal. Talvez seja oportuno abordá-la em termos literais, em seus pressupostos “racionais”. “Ele ruminava o seguinte” (Sousa, 2009, p. 40):

Caso a rapariga com o rapaz e deixo assim de boca aberta todas estas sirigaitas da terra; o Faria é vivo e parece que chorou na barriga da mãe..., e daí é capaz de subir até deputado provincial! Então é que eu ponho o pé no cangote do Ribeiro; e depois hei de mostrar ao compadre Anselmo e mais ao Matias e mais a esta gentinha toda quem é o Severino de Paiva! Quem sabe se bem protegido pelo cônego o rapaz não me há de chegar a vice-presidente... e daí havendo uma vaga... (Sousa, 2009, p. 40).

Notável o alcance da inteligência e da atuação política de Sangrado. Com seus métodos autoritários e violentos de obrigar os eleitores a votarem de acordo com suas exigências, Severino era respeitado por praticamente não perder eleições – que, na época, “eram viciadas na prática e difíceis mesmo em teoria” (Iglésias, 2001, p. 164).

Militar tosco e intransigente, tem a pretensão de impor seu militarismo singular a todos, chega a prender arbitrariamente as pessoas e ameaça quantos não lhe obedecem. “O tenente coronel Severino de Paiva não era homem que afrouxasse na realização de um plano concebido pela sua grande cabeça” (Sousa, 2009, p. 52). Ditador, considera todos como subordinados seus e afirma: “esta gente não tem vergonha, não sabe cumprir o seu dever. Aí está quando eu digo que o despotismo era necessário cá em Óbidos...”; e precisa: “um despotismo militar, justo, forte e protetor, que levasse este povo ao lugar da terra da promessa, da ordem e da tranquilidade pública” (Sousa, 2009, p. 54).

Rústico, inconveniente e limitado, é o próprio coronel Sangrado que diz de si: “eu sou mais teimoso que um burro” (Sousa, 2009, p. 55). E quem sabe os despropósitos dessa concepção imediata de solução política não possam ser lidos em sentido bem amplo? Que medida não tem do despotismo político do coronel Sangrado, inconcebível que seja, no golpe de Estado que inaugura a república, em 1889? E, igualmente, no golpe de 1964? E, ainda, no golpe de 2016? Talvez até uma relação possa ser estabelecida entre as ideias-chavões de Sangrado e o nazifascismo, com sua coleção de histriões. Comparar, também, o coronel Sangrado com as autoridades eminentes do ultraconservadorismo atual, seria um produtivo exercício de investigação. Eis uma leitura política que pode ser desenvolvida, a partir do juízo perseverante do personagem, que fica, *grosso modo*, exposto no romance. O coronel Sangrado não tem, propriamente, ideias, propostas sociais ou projetos consistentes; quando ele encasqueta com alguma coisa, entende que tudo e todos devem se submeter ao estalo de sua mente – de sua “grande cabeça” –, mesmo que não passe de um disparate. Ele não justifica, nem pondera, nem argumenta; apenas exige que seu estouvamento seja aceito.

A singularidade dessa inteligência – somada à sua obstinação – só poderia levar a extremos. Decepcionado com a traição que sofreu e com a derrota inesperada, o coronel Sangrado adocece perigosamente; depois – com o golpe que recebe ao ficar sabendo que o genro pretendido havia se casado com outra mulher, ficando relegada sua filha Mariquinha – o militar de “mania napoleônica” morre, sob o infortúnio de não ter suas vontades obedecidas. Sua vontade “sagrada” é, digamos assim, “sangrada”; o coronel Sangrado, em tais circunstâncias, é, também ele, “sangrado” como um porco – fique a comparação, já que o tratamento corretivo que recebe é mortal.

Óbidos – principal espaço literário de *O coronel Sangrado* – funciona como metonímia do Pará, da Amazônia, do Brasil do século XIX; e, afinal, do tabuleiro global do jogo econômico que domina as sociedades no mundo, pois existe uma ordem político-econômica internacional imposta. O personagem coronel Sangrado é metonímia do político profissional brasileiro mais comum: arbitrário, oportunista, trapaceiro, canastrão; mas também do próprio poder que fatia o mundo, concebido como recurso econômico, no jogo geopolítico disfarçado de diplomacia. A mesma truculência política de base que sustentou a ordem social e econômica do Brasil colonial – favorável aos negócios brutais e prejudicial às classes sociais populares – se mantém no Brasil imperial. E além.

No curso desenvolvido em 1974-1975 no Collège de France, *Os anormais*, Michel Foucault analisa laudos psiquiátricos requisitados pela justiça. Ele observa que tais exames apresentam três propriedades: 1. Podem determinar uma decisão sobre a liberdade ou a prisão e até sobre a vida ou a morte de uma pessoa. 2. Podem dizer a verdade sobre um indivíduo, uma vez que provêm de peritos de instituições científicas. 3. Podem fazer rir – e as risadas do público, durante a leitura dos documentos, são prova disso, *in loco*. Então Michel Foucault (2001, p. 15) detecta o grotesco intrínseco a tais relatórios médico-legais e logo o relaciona à política: “Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, dever-se-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco”. E continua:

O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos do poder. O poder político, pelo menos em certas sociedades, em todo caso na nossa, pode se atribuir, e efetivamente se atribui, a possibilidade de transmitir seus efeitos, e muito mais que isso, de encontrar a origem de seus efeitos num canto que é manifestamente, explicitamente, voluntariamente desqualificado pelo odioso, pelo infame ou pelo ridículo. Afinal de contas, essa mecânica grotesca do poder, ou essa engrenagem do grotesco na mecânica do poder, é antiquíssima nas estruturas, no funcionamento político das nossas sociedades (Foucault, 2001, p. 15).

A criação do personagem coronel Sangrado apresenta uma base na história do Brasil e na história política em geral – e sua atualidade é patente. A crítica de Inglês de Sousa à política está também em *O cacaulista*, *História de um pescador*, *O missionário*

e *Contos amazônicos*. O escritor percebe a ingerência dos negócios privados sobre a administração política (Ferreira Filho, 2019b); entende a política econômica como causa da miséria social (Ferreira Filho, 2019c); e registra atropelos e estragos genéricos de mecanismos econômicos que tudo querem devorar (Ferreira Filho, 2019a). A mesquinhez (mal) disfarçada das manobras políticas tradicionais gera verdadeiros desastres para as sociedades. A ficção de Inglês de Sousa expõe o fato de que a política, predominantemente, favorece grupos de poder, beneficia a elite e prejudica as camadas populares da sociedade. Referindo-se ao período regencial brasileiro, aos clamores populares manifestos nas revoltas e já aos laivos republicanos, Francisco Iglésias (2001, p. 160) comenta:

O político no poder, sempre cauteloso e raramente sensível, atribui tudo ao enfraquecimento das instituições [...]. Faz as mudanças consideradas úteis em textos julgados federalistas e com concessões excessivas ao povo. Assim, arma-se o poder central, agora vitorioso em tudo, sem atentar para a realidade profunda, a verdadeira provocadora das crises e que leva às contestações.

Desde a perspectiva de Heráclito, que preferia brincar com as crianças a se unir aos atores políticos do governo da *pólis* (Laértios, 2008, p. 251), já se pode notar, com alguma liberdade de leitura, a reclamação contra o oportunismo das autoridades que representam seus próprios interesses e causas: “É em vão que se purificam, aspergindo-se com sangue, como se alguém, que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama” (Anaximandro; Parmênides; Heráclito, 2005, p. 59); “(os porcos) se comprazem na lama (mais do que na água limpa)” (Anaximandro; Parmênides; Heráclito, 2005, p. 61). A atuação política que lesa a sociedade, tal como apontada por Inglês de Sousa, constitui um prejuízo social de bastante idade. Aristófanes (2000, p. 36) já satiriza um jogo imediato de relações entre a política e interessados toscos que ali se estabelecem para satisfação de interesses materiais próprios: “A política não é assunto para gente culta e de bons princípios: é para os ignorantes e velhacos”. Michel Foucault (2001, p. 15-16) aponta, na Roma antiga, a saliência da “desqualificação quase teatral do ponto de origem, do ponto de contato de todos os efeitos do poder na pessoa do imperador”, notavelmente “um personagem infame, grotesco, ridículo”; e conclui: “De Nero a Heliogábalo, o funcionamento, a engrenagem do poder grotesco, da soberania infame, foi perpetuamente aplicada no funcionamento do Império romano”.

No mesmo século XIX de Inglês de Sousa, Alfred Jarry escreve o seu *Ubu-rei* (encenado em 1896); o Pai Ubu, uma anomalia política caracterizada por extremo e criminoso egoísmo, é assim qualificado por sua própria esposa, a Mãe Ubu: “Traidor, frouxo, bandido, vulgar miserável” (Jarry, 1986, p. 45); são fartos os qualificativos para a sua abjeção: “Um vulgar Pai Ubu, aventureiro saído sabe-se lá de onde, crápula vil, vagabundo vergonhoso!” (Jarry, 1986, p. 59). Ainda no âmbito da comédia, no século XX, no Brasil, Dias Gomes cria o seu coronel Odorico Paraguaçu, para quem, “Em política”, no seu discurso eloquente, “os finalmentes justificam os não-obstantes” (Gomes, 1980, p. 62).

No romance de Inglês de Sousa, o caso do coronel Sangrado – um absurdo político, um desvario assustador – é muito útil para compreender o Brasil (e o mundo) dos dias atuais, em que os ultraconservadores exibem suas razões. Apesar das limitações de seu tempo e de sua cultura (vivia em uma sociedade escravocrata), Platão (Platón, 2008) idealiza o político que deveria estar à frente dos interesses públicos: ele não pode ser um reles trapaceiro; deve dominar o governo dos homens; deve ser sábio, competente e virtuoso. O coronel Sangrado é o avesso disso e o romance indica essa faceta permanente da história política do Brasil: o ridículo do oportunismo político tradicional e as farsas dos desqualificados. Na cultura popular, tal como considerada por Mikhail Bakhtin, tanto o realismo grotesco como a carnavalização são forças expressivas vigorosas e têm caráter popular; a autoridade oficial, malsã e opressiva, com toda a sua seriedade, na balbúrdia popular animada, alegre e festiva do carnaval, é destronada, rebaixada, surrada e enterrada – e tal festa de renovação lembra uma canção de Chico Buarque (1993, f. 5): “Quando o carnaval chegar”, em que o carnaval aparece como a esperada alegria festiva, antídoto momentâneo contra o triste sofrimento social perene. Portanto, a rigor, do ponto de vista bakhtiniano, o coronel Sangrado não representa, adequadamente, o poder dominante opressor e nocivo, que se apresenta pomposamente no palco, sério, normativo, solene e protocolar em sua modalidade oficial convencional; o histrionismo do coronel Sangrado o distancia desse modelo; embora seja grotesco (basta verificar, em sua descrição, o exagero dos traços e o efeito caricatural de sua imagem), ele não representa a força popular e renovadora do realismo grotesco; ao contrário, implementa a opressão do poder oficial, ainda que de maneira estranha e inconveniente, que estarrece os próprios comparsas. Ou seja: o coronel

Sangrado é um disparate completo, sob todos os ângulos. É sempre impróprio, inadequado, inconveniente. No entanto, como mostra Michel Foucault, os exóticos desqualificados, ubuescos, ridículos, não estão descartados, como autoridades que podem ser validadas, pelas disposições estratégicas do poder. Por outro lado, uma linha – um sinal, um augúrio – do romance de Inglês de Sousa é que a atuação truesca do coronel Sangrado é derrubada por seus próprios sectários, tal o despropósito de sua conduta.

Referências

- ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. 4. ed. Introdução: Emmanuel Carneiro Leão. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- ARISTÓFANES. *Os cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas: Maria de Fátima de Sousa e Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. Tradução: Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- BUARQUE, Chico. *Quando o carnaval chegar*. Direção de produção: Roberto Menescal. [S. d.]: Polygram, 1993. 1 CD com 14 faixas [LP original lançado em 1972].
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Floresta de signos sombrios: introdução à Amazônia de Inglês de Sousa. *Revista de Estudios Brasileños*, volumen 6, número 13, p. 115-126, 2.sem.2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Benjamin/Downloads/166294-Texto%20del%20art%C3%ADculo-390646-1-10-20200203%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Benjamin/Downloads/166294-Texto%20del%20art%C3%ADculo-390646-1-10-20200203%20(1).pdf). Último acesso em 18/07/2021 [2019a].
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Negócios brutais: a ganância econômica na prosa de Inglês de Sousa. In: LEÃO, Allison; BOTELHO, Máira da Silva (Organização). *Anais do II GELLNORTE – Linguística e Literatura na Amazônia: políticas de pesquisa para as margens*. Manaus, AM: Editora UEA, 2019, p. 272-286 (Tipo de Suporte: E-book Formato Ebook: PDF). Disponível em: https://gellnorte.files.wordpress.com/2019/07/de-trabalho_anais-do-gellnorte-2019-vers-c3a3o-completa.pdf. Último acesso em 18/07/2021 [2019b].
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Política e miséria social: o século XIX na ficção de Inglês de Sousa. In: PEREIRA, Danglei de Castro. *Olhares em labirinto: modernidade e arte literária no (contra)tempo*. Campinas, SP: Pontes, 2019, p. 91-111 [2019c].
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Valerio

- Marchetti e Antonella Salomoni. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOMES, Dias. *O Bem-Amado: farsa sócio-político-patológica em 9 quadros*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- JARRY, Alfred. *Ubu-rei*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Max Limonad, 1986.
- LAËRTIOS, Diôgenes. Herácleitos. In: LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 251-255.
- LESAGE, Alain-René. *História de Gil Blas de Santillana*. Tradução: Bocage. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- MAUROIS, André. *Napoleão: uma biografia ilustrada*. Tradução: Vera Giambastiani. São Paulo: Globo, 2013.
- PLATÓN. *Critón; El político*. Traducción, introducción y notas: Francesc Casadesús Bordoy. Madrid: Alianza, 2008.
- RIBEIRO, Renato Janine. Uma paixão difícil. In: STENDHAL. *Napoleão*. Tradução: Eduardo Brandão e Kátia Rossini. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 5-12.
- ROSSET, Cacá. Prefácio. In: JARRY, Alfred. *Ubu-rei*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Max Limonad, 1986, p. 11-14.
- SOUSA, Inglês de. *O cacaulista (Cenas da vida do Amazonas)*. 2. ed. Belém: Edufpa, 2004a.
- SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- SOUSA, Inglês de. *O coronel Sangrado*. Belém: Amazônia, 2009.
- SOUSA, Inglês de. *História de um pescador (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: Edufpa, 2007.
- SOUSA, Inglês de. *O missionário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- SOUZA, Shirlene Rohr de. *A estética de Dicke: entre o sublime e o grotesco*. Garça, SP: FAEF, 2021.
- STENDHAL. *Napoleão*. Tradução: Eduardo Brandão e Kátia Rossini. São Paulo: Boitempo, 2016.

Recebido em 20/10/2025

Aceito em 10/12/2025